



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

SALA DE AULA: ESPAÇO DISCURSIVO PARA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAIS

Ana Maria Oliveira Lima⁹
(UESB)

Ester Maria de Figueiredo Souza-
(UESB)

RESUMO

Esta comunicação converge para se indiciar a concepção de sala de aula como cenário discursivo de trocas interacionais, a partir do referencial bakhtiniano e freiriano sobre constituição de identidades sociais. Refletimos sobre interação professor e aluno como dispositivo de constituição de subjetividades, sob o aporte teórico da linguística aplicada. O estudo confere à linguagem o valor de prática social, dependente da ação do sujeito para sua expressão e produção cultural. Apresenta-se a concepção de aula como acontecimento discursivo, indicando que as relações dialógicas que se estabelecem quando da realização da aula indicam práticas discursivas que tendem ao autoritarismo, contudo, a partir da concepção sociointeracionista da linguagem, tende a se instaurar relações dialógicas que (des)velam a natureza das práticas discursivas por parte do professor(a) na organização desse gênero discursivo. Ratificamos que essa concepção de sala de aula, para além de sua dimensão didática, deva ser apropriada para se analisar a constituição de identidades sociais em contextos culturais complexos, como, por exemplo, a educação do campo, para que possamos, enquanto educadores, apropriarmos de referências que colaborem para reconhecimento das diferenças e singularidades dos processos de ensinar e aprender na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, linguagem, linguística aplicada.

⁹Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagens e Educação (GPLED) – CNPQ – UESB. E-mail: anaalima2005@yahoo.com.br.

- Doutora em Educação. Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, do curso de Letras e do Líder do grupo de Pesquisa Linguagem e Educação. GPLED/UESB. E-mail: emfsouza@gmail.com



INTRODUÇÃO

Quando pensamos a sala de aula, pensamos em produção sistemática do conhecimento num universo totalmente diverso – possivelmente com atores sociais oriundos de grupos sociais diferentes. A sala de aula, como espaço interativo, exala ato enunciativo de sujeitos que interagem entre si de forma contínua num caráter dialógico e discursivo. Sujeitos estes que usam a linguagem para estabelecer a comunicação - seja para concordar, refutar, acrescentar etc. Por meio desse diálogo, às vezes silencioso (ou silenciado?), toma-se a palavra para dizer alguma coisa a alguém. Freire (2014) nos afirma que professores e alunos são sujeitos no ato discursivo “recriando o conhecimento”.

O uso da linguagem manifesta-se por meio da interação verbal entre os sujeitos. Em uma perspectiva bakhtiniana, a sala de aula tem caráter interativo, dialógico e discursivo. Para Bakhtin (2004), a interação verbal organiza a realidade fundamental da língua, e ocorre no ato de enunciação pela palavra numa determinada situação social. Segundo Freire (2014, p.33), esta situação social mostra-se comprometida visto que este espaço configura-se como momento de dissertação da realidade por parte do educador “Por isso mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora.”. Pinheiro (2006), com base na análise do círculo de Bakhtin argumenta que:

[...] as concepções postuladas por Bakhtin em relação à linguagem colocam a interação com o outro no mundo social como central no processo de constituição da consciência. [...] Por isso, consideramos fundamental compreender o discurso como o meio através do qual seja possível entender que a nossa participação nas mais diversas esferas da vida social determina quem somos, como avaliamos o outro e como pensamos que esse outro nos avalia, desencadeando um processo ininterrupto de (re)construção de identidades. (PINHEIRO, 2006, p.7)

Optamos pelos referenciais bakhtiniano e freiriano, visto que eles coadunam com os ideais de emancipação humana e autoria, como uma relação de subjetividade e de



intersubjetiva que instaura sujeitos. Nos processos de descontinuidades dos enunciados na sala de aula, quando o direito de dizer é negado, quando não se valida o dizer, quando se homogeniza o que deve ser dito, estabelecem-se relações de conflito que devem ser (des)reveladas para provocar a interação didática na aula, como acontecimento discursivo.

Souza (2011) tece ponderações acerca da compreensão da aula sob o viés da discursividade, realçando a contribuição de estudos bakhtinianos para essa escolha:

A investigação da aula como evento discursivo e um gênero do discurso encontra suporte teórico e metodológico na interpretação dos processos de interação social abordados pelo Circulo de Bakhtin e pelo próprio Mikhail Bakhtin em seus escritos.

Partindo de uma concepção de linguagem que envolve a produção da linguagem como um processo sempre redirecionado ao elo da cadeia comunicativa, ininterrupta e irrepetível, a relevância dos conceitos bakhtinianos para a análise da aula remete a uma reconfiguração de um campo de estudos. Se, na década de 80, já se iniciava no Brasil, um movimento que ia para além da etnografia sócio interacional, aportando, os anos 90, com maior vigor, na Linguística Aplicada, cai-se por terra a compreensão da sala de aula como um ambiente naturalizado. Reconhecendo a interação social como provocadora do conhecimento e a necessidade de uma organização didática - que não é o mesmo que ordem e rotinas hierarquizadas -, a aula possui uma estratificação que responde à interatividade, a uma heteroglossia dialógica, que acolhe o conflito e a "ordem descontínua" dos enunciados em dispersão da sala de aula (SOUZA, 2011, p. 2).

Nessa releitura, debruçamo-nos sobre questões identitárias no espaço da sala de aula, por visualizá-la como um espaço social que converge tensões relacionadas à formação do sujeito, não se reduzindo a aspectos didáticos de exposição de conteúdos.

Faz-se a opção também por aplicar pressupostos teóricos da Linguística Aplicada. Esta opção justifica-se por entender que utilizar a língua é assumir uma voz social e este ato pode ser tensionado quando se considera um determinado modelo de uso da língua como único legítimo. Desta forma, coadunamos com Signorini (2006), quando replica que:



No caso específico da língua em uso, que nos interessa mais de perto, trata-se da língua inextricavelmente enraizada na via social, nas dinâmicas de acessibilidade/disponibilidade de padrões sociais e históricos mais gerais, tais como dispositivos institucionais, protocolos comunicativos, gêneros discursivos, modelos textuais etc. (SIGNORINI, 2006, p.183).

A sala de aula enquanto lugar de aprendizagem se constitui em espaço interativo, dialógico e discursivo? O trabalho pedagógico realizado na sala de aula está, de alguma forma, relacionado às demandas e aos interesses dos alunos? Como se estabelecem as interações entre professor e alunos nas situações de ensino/aprendizagem de aula de língua portuguesa? Essas questões são revozeadas, quando dos encontros formativos com nossos alunos, no nosso trabalho de formação de professores e, as reflexões indicam que ainda se constituem em provocações para se qualificar a dimensão formativa e discursiva da aula.

É preciso ainda destacar que muitos dos docentes não reconhecem ou mesmo não têm levado em consideração as características específicas das classes, turmas nas quais trabalham. Um exemplo são os contextos de educação rural perpassados por metodologias de ensino de escolas urbanas, contextos de exclusão social, são abordados de forma naturalizada. Cria-se um impasse: Ensinar o quê? Com quais intenções? A quem? De que forma? Assim, por não possuírem uma formação para lidar com as adversidades, não conseguem lidar com essas situações.

De parte do alunado, dentre as mais variadas dificuldades que desse confronto surgem, destacam-se as que são mais específicas no que diz respeito à linguagem: a necessidade de lidar com o vocabulário pouco conhecido trazido pelo professor; a resistência à manifestação de sua própria palavra - o que não quer dizer que não sejam falantes ativos e com intensa capacidade verbal; rejeição de si próprio, etc.

Segundo as ideias de Matencio (2001), as abordagens e as estratégias didáticas, quando impostas, quer por ausência de autonomia do docente, quer pela sua própria opção e falta de cooperação com o grupo de alunos, interferem no processo ensino-aprendizagem, ou seja, na organização da aula, que incluem as dimensões cognitiva e



sócio institucional, e estão relacionadas tanto ao conhecimento sobre o objeto de estudo, quanto ao saber fazer, que também está relacionado ao conhecimento sobre esse tipo de interação e o saber dizer que orientam efetivamente o procedimento de planejamento e execução. Sobre as práticas discursivas na sala de aula, no binômio práticas rotineiras e práticas rituais, Souza (2011) nos lembra que:

Nos dois planos de materialidade da aula os enunciados são integrantes do gênero aula. No plano rotineiro, acentua-se a palavra institucional do professor, revestida da autoridade da esfera de comunicação, em tempo e espaço determinados institucionalmente. No plano ritual, talvez, se vislumbre a emergência das contrapalavras, da réplica, da resposta bakhtiniana, pois a palavra coloca o outro na responsabilidade de respondê-la. (SOUZA, 2011, p. 05).

Já Orlandi (2011, p.32) afirma que “o autoritarismo está incorporado nas relações sociais. Está na escola, está no seu discurso”. O discurso pedagógico é orientado por práticas discursivas hierarquizadas que privilegiam um conjunto de valores da classe dominante (tradição conservadora, permanência no poder, norma culta como única legítima) para evitar, desta forma, perder o controle social. A autora propõe uma possibilidade de instaurar práticas discursivas que rompam com o autoritarismo do discurso pedagógico. Segundo ela, o professor deve “deixar vago um espaço para o outro (o ouvinte) dentro do discurso e construir a própria possibilidade de ele mesmo (locutor) se colocar como ouvinte. É saber ser ouvinte do próprio texto e do outro”. (ORLANDI, 2011, p.32).

PRÁTICAS DE LINGUAGEM NO INTERIOR DA SALA DE AULA

As práticas sociais e discursivas dos sujeitos na sociedade atualmente têm sido tratadas, por pesquisadores e educadores, com relevantes questionamentos. O que acontece quando o direito de “dizer” é negado? Como as identidades se (re)constituem num discurso autoritário? A alteridade do indivíduo é preservada no discurso em sala de aula, considerando a diversidade linguística existente nesse espaço social?



É preciso destacar que alguns alunos provenientes das camadas populares são inseridos num contexto educacional em que o que vale é o que é ditado pelas classes privilegiadas, principalmente no que concerne à linguagem, provocando o silenciamento de vozes. Em se tratando das práticas discursivas, é possível perceber o emudecimento, quiçá a subserviência, o que é mais gritante ainda. Esta situação nos faz lembrar o que Freire nomeia de educação bancária. Para o educador, “Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento.” (FREIRE, 2014, p. 34).

Nossa experiência na escola valida que, em momentos de descontração, em contato com os colegas, é possível perceber que estes interagem espontaneamente, trocam opiniões, divergem entre si, narram histórias, buscam mais informações etc. No entanto, em sala de aula, no contexto didático do ensino, em contato com os professores, o comportamento desses alunos muda, eles se mantêm calados, não opinam, aceitam qualquer ordem e qualquer informação, por mais absurdas que essas possam parecer. Ilustramos essa situação, para problematizar que é necessário reconhecer e reconhecer-se na dimensão interna da cultura escolar, na dinâmica da sala de aula e no seu microcosmos de trocas interacionais que subjetivam professor(a) e aluno(a).

E já alertado por Freire (2006, p.23) que “não há docência sem discência”, faz-se importante saber como acontece o discurso pedagógico, se dialógico ou não, para que possa compreender a forma de interação docente/discente. Entender a linguagem, por sua natureza dialógica, como processo discursivo entre sujeitos nesta situação concreta de ensino/aprendizagem, e que garanta a palavra de todos os sujeitos envolvidos (alunos/professores), corroborando com o fazer dialógico. Souza (2011, p.03) salienta que “Esse conceito bakhtiniano é o que nos provoca em tipificar a aula como um gênero discursivo/uma cadeia enunciativa/um enunciado plurilinguístico e heteroglóssico”.

Desta forma, o discurso pedagógico não deve corroborar para o emudecimento dos alunos em que “O professor é institucional e idealmente aquele que possui o saber e está na escola para ensinar, o aluno é aquela que não sabe e está na escola para aprender” (ORLANDI, 2011, p.31).



Neste conflito velado, é possível não acontecer o diálogo entre sujeitos, em que um considera a variedade padrão da língua portuguesa como a única “certa”, ao passo que o outro, desprovido de argumentos, supostamente aceita essa “verdade” e se cala.

CENÁRIOS DISCURSIVOS NA SALA DE AULA E A DINÂMICA DE CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES SOCIAIS

Como afirmamos, nosso estudo situa a linguagem e suas relações de poder numa situação formal de ensino em sala de aula. Considerando o caráter dialógico e discursivo da sala de aula, buscar-se-á, além de dialogar com o pensamento bakhtiniano e freiriano, estabelecer pressupostos teóricos relacionados à Linguística Aplicada, para que se possa relacionar identidade, jogo discursivo em sala de aula, discurso pedagógico e ensino da língua portuguesa.

Nesta perspectiva, Moita Lopes (2006, p. 98) nos questiona “Como é possível pretender dar conta da relação entre linguagem e vida social sem teorizações que contemplem tal relação, que contemplem o conhecimento sociológico?” Desta forma, o autor nos convida a pensar a Linguística Aplicada como um campo híbrido de conhecimento em que as fronteiras de diferentes áreas de investigação se completam para buscar entender o mundo contemporâneo.

As contribuições da Linguística Aplicada se dará por se entender que esta tem como objeto de estudo a linguagem como prática social. Esta prática social, no espaço escolar (mas não somente nele!), pode estar permeada por relações de poder com reflexos na sociedade. A este respeito, Moita Lopes (2006) esclarece que:

Essa visão parece crucial em áreas como a LA, que tem como objetivo fundamental a problematização da vida social, na intenção de compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial. Só podemos contribuir se considerarmos as visões de significado, inclusive aqueles relativos à pesquisa, como lugares de poder e conflito, que refletem os preconceitos, valores, projetos políticos e interesse daqueles que se comprometem com a construção do significado do conhecimento. **Não há lugar fora da ideologia e não há conhecimento desinteressado.** (MOITA LOPES, 2006, p.103). (Grifos nossos).



Entrelaçam-se, neste momento, provocações a respeito da concepção de linguagem referenciada em sala de aula. Assim, ao se pensar nesse espaço, vem à tona todo processo interativo (gênero discursivo) que a envolve (ou deveria) e a permanente construção de identidades sociais. Refletindo sobre discursos de identidade em sala de aula, Moita Lopes (2006) provoca-nos:

Considerando a relevância da escola na vida dos indivíduos, ainda que, por nenhuma outra razão, pelo menos em termos da quantidade de tempo que passam/passaram na escola, pode-se argumentar que as práticas discursivas neste contexto desempenham um papel importante no desenvolvimento de sua conscientização sobre suas identidades e a dos outros. [...] As identidades sociais construídas na escola podem desempenhar um papel importante na vida dos indivíduos quando depararem com outras práticas discursivas nas quais suas identidades são re-experenciadas ou re-posicionadas. (MOITA LOPES, 2006, p. 311).

Os sujeitos se constituem dentro de um espaço histórico/temporal em que as relações humanas são estabelecidas por meio da linguagem e a natureza dialógica desta se concretiza na interação social. Dessa forma, a concepção interativa da linguagem prevê a participação ativa de interlocutores, em que “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN, 2004, p.113). A consciência da presença do outro na formação do eu autentica a natureza interdiscursiva da linguagem e aqui a alteridade se constitui já que a palavra do outro ecoa no meu discurso.

A concepção interacionista da linguagem, respaldada nos princípios de reconhecimento da autoria e subjetividade na produção discursiva na sala de aula, é abordada para nosso estudo com o fito de des(re)velar o caráter autoritário das práticas escolares, pois os sujeitos tipificados como professor e aluno exercem papéis distintos institucionalmente e esta distinção se alarga a tal ponto que fica permeado de ruídos, convergindo a maior parte da interação verbal para a retomada da palavra pelo professor(a). Assim, o diálogo não ocorre em sua potência discursiva, ficando centrado na ação do professor(a). Pey (1987) afirma que



Na sala de aula, é comum a fala incompreensível do interlocutor, prejudicando a análise do objeto da interlocução que ficará privado dos sentidos que os interlocutores calados poderiam oferecer, bem como centrando o processo discursivo no interlocutor que se apossou do objeto da interlocução. (PEY, 1987, p.16-17)

Pensando essa realidade no que diz respeito ao estudo da linguagem, recorreremos mais uma vez a Bakhtin (2004), para quem a linguagem só pode ser entendida dentro das inter-relações humanas. Segundo o autor, a língua nativa não apresenta mistérios para o seu falante e é entendida dentro da familiaridade de uma determinada comunidade linguística; acrescenta ainda que a consciência linguística dos sujeitos relaciona-se com a linguagem “no sentido de conjuntos de contextos possíveis de uso de cada forma particular”, o que não quer dizer que não há tensões.

Se assim funciona, é certo que os determinados contextos de uso da linguagem sobrepõem-se a formas normativas da mesma, pois “Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística”. (BAKHTIN, 2004, p.95).

As ideias de Bakhtin possibilitam à compreensão, que dentro do espaço discursivo que se constitui a sala de aula, não pode existir apenas a voz do professor, pois se assim acontecer levará a cabo o caráter dialógico da linguagem. Se o caráter dialógico da linguagem se dilui nesse espaço, resta apenas pensar que o autoritarismo está presente no discurso pedagógico do professor.

Neste viés, Orlandi (2011) leva-nos a refletir sobre o professor “cientista” - aquele detentor do conhecimento - levando à quebra das leis discursivas, e sobre o aluno - ser passivo - “aquele que não sabe e está na escola para aprender.” Alinhavamos aqui o pensamento do ilustríssimo educador Paulo Freire (2014) quando ele aponta em seu livro “A Pedagogia do Oprimido” sobre a educação bancária. Para este intelectual:

Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. [...] Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. (FREIRE, 2014, p. 34).

Ao pensar na particularidade de cada grupo social e nas suas práticas linguísticas historicamente constituídas, inevitavelmente se chegará ao conceito de Identidade. Pensa-se, neste momento, em identidade como algo em constante movimento, assim como seus pares – linguagem e sociedade. Para Orlandi (2006, p.204), “Não há identidades fixas e categóricas”, pois “A relação entre unidade e dispersão é crucial para a perspectiva discursiva e estará presente em toda a reflexão sobre identidade”. A autora ainda aponta sobre a falácia da identidade imóvel, porquanto “é ponto de ancoragem de preconceitos e processos de exclusão”.

Ao invés de falar mais alto, ao invés de protestar contra aquilo que não dialoga com a sua realidade, as classes economicamente menos favorecidas, ao perceberem sua identidade e sua variedade linguística rejeitadas, recusam a si próprias, emudecendo-se frente a essa realidade, negando, quiçá, a sua história. A sala de aula, enquanto espaço interativo, é o lugar que deveria contribuir para esta afirmação do eu, enquanto sujeito social, pois, segundo Kleiman (2006):

Seguindo enfoques sociolinguísticos e etnográficos, pressupomos que essas identidades são construídas na produção conjunta de significados sociais e que há espaço, na interação, para a criação de novas significações, que podem levar à reprodução ou à transformação dos processos de identificação do outro e de reafirmação ou rejeição da identidade dos participantes, dentro dos limites que o caráter normativo das instituições permite. Pressupomos, portanto, que a construção de identidades está determinada pelas relações de poder entre grupos sociais, mas divergimos de um conceito de identidade baseado apenas na ordem social preestabelecida, tal qual dada pelas relações de poder entre grupos sociais. (KLEIMAN, 2006, p. 281).

A partir desta visão sociointeracionista da sala de aula, Moita Lopes (2006) argumenta que:

Os professores de línguas precisam considerar a linguagem como um fenômeno essencialmente social, se suas aulas devem ter qualquer



relação com o modo como usamos a linguagem na sociedade, e isso inclui consciência de como através do uso da linguagem construímos nossas várias identidades sociais no discurso e de como essas afetam os significados que construímos na sociedade. (MOITA LOPES, 2006, p. 326).

As relações de poder estabelecidas pela negação do outro favorecem o pensamento monológico e monopolizador. Freire (2014) adverte-nos para a concepção de homens expectadores e não homens recriadores do mundo. Para ele, o educador bancário

Não pode perceber que somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser o pensar para estes, nem a estes imposto. (FREIRE, 2014, p. 37).

Desta forma, em seu papel de educadores e de agentes de transformação social, professores que respeitam as identidades e a diversidade linguística existentes em sala de aula ajudarão na construção de uma sociedade mais justa; irão contribuir para despertar a autonomia do educando - autonomia esta que é imprescindível para o “ser sujeito” na sociedade. Serrani (2005, p.15) aponta o professor como o sujeito apto no espaço em sala de aula para “aplicar práticas de mediação sociocultural, contemplando o tratamento de conflitos identitários e contradições sociais, na linguagem da sala de aula”. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental apresentam, inclusive, como um de seus objetivos “conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico” (BRASIL, 1998, p.33).

CONCLUSÕES

A pesquisa em curso integra estudos sobre docência e linguagem, sob o aporte da abordagem da etnografia escolar, realçando a natureza dialógica do conflito de vozes na



sala de aula. Pautamos a voz do professor e aluno como prática discursiva, que se enuncia em condições específicas e delimitadas de produção do conhecimento escolar. Caminha-se no sentido de interpretar as relações de poder que se estabelecem nas aulas de língua portuguesa, buscando identificar quais são os mecanismos utilizados pelos professores, para estabelecerem essas relações, e se a linguagem é o instrumento principal para que essa relação de poder se mantenha e se torne legitimada na relação ensino/aprendizagem (professor/alunos). Todas essas questões, pela sua própria natureza, buscarão levar sempre em conta as relações entre linguagem e identidade.

Para tanto, partimos da análise dos planos rotineiros e rituais da aula, conforme Souza (1997, 2012) para indicar a necessidade de domínio de uma dimensão cultural comum para se estabelecer as trocas interativas na aula. Assim, destacamos práticas repetitivas, como chamada, perguntas retóricas como inseridas no plano rotineiro da aula, mas necessárias para situar o contexto de ensino e práticas ritualísticas da aula, quando o docente atua com sua autoridade didática para expor e provocar a aprendizagem no tópico discursivo da aula. Não obstante, nossa exposição, pretendeu enriquecer o debate acerca da referida temática para que, ao final da pesquisa, os educadores possam ter acesso a subsídios teórico-metodológicos que os ajudem na sua cotidianidade escolar; e, quiçá, possa levá-los a repensarem o seu labor pedagógico. Afinal, se nos filiamos à etnografia escolar, nos implicamos em (re)mover concepções e criar condições de reflexão da práxis educativa.

REFERÊNCIAS

- BAKTHIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11^a ed. Trad. de Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental**. Brasília, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56^aed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. **Saberes necessários à prática educativa**. 34^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- KLEIMAN, Angela B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.



- MATÊNCIO, Maria de Lourdes M. **Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/aluno.** Campinas: Mercado de Letras: 2001.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- _____. Discursos de identidades em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- NEVES, Maralice de Souza. O processo identificatório na relação professor-aluno na aprendizagem de língua estrangeira. In: CORACINI, Maria José R. Faria *et al.* (Orgs). **Práticas Identitárias: língua e discurso.** São Carlos: Claraluz, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- _____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 6ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- PEY, Maria Oly. **O discurso pedagógico no cotidiano da escola.** 1987. 356 f. Doutorado em Filosofia e História da Educação. Universidade Estadual de Campinas.
- PINHEIRO, Petrilson Alan. **Bakhtin e as indenticidades sociais: uma possível construção de conceitos.** In: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. 2006. Disponível em <http://www.filologia.org.br/revista/40/bakhtin%20e%20as%20identidades%20sociai s.pdf>. Acesso em 10.03.2015.
- SIGNORINI, Inês. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a Linguística Aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- SERRANI, Silvana. **Discurso e cultura na aula de língua: currículo, leitura, escrita.** Campinas, SP: Pontes, 2005.
- SOUZA, Ester M. Figueiredo. **Processos de interação verbal nos cenários discursivos da aula de língua portugueses.** In: Anais do VI SIGET. Simpósio Internacional Estudos de Gêneros Textuais. UFRN. Natal. Brasil. 16 a 19 de agosto de 2011; disponível em [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ester%20Maria%20de%20Figueiredo%20Souza%20\(UESB\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ester%20Maria%20de%20Figueiredo%20Souza%20(UESB).pdf).
- _____. Indagações acerca do enunciado concreto em Mikhail Bakhtin e o gênero do discurso aula. In: SANTOS, E. **Transdiscursividades: linguagem, teorias e análises.** Salvador: EDUFBA, 2012. p. 65-87